

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS – FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDOS DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Andressa Caporale de Castro

**“DEPOIS DE CHUPAR ADIANTA BOCHECHAR COM CEPACOL?”:
Educação para a sexualidade a partir das aulas de biologia**

PORTO ALEGRE

2013

ANDRESSA CAPORALE DE CASTRO

“DEPOIS DE CHUPAR ADIANTA BOCHECHAR COM CEPACOL?”:

Educação para a sexualidade a partir das aulas de biologia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Ciências Biológicas – Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientadora: Dra. Jane Felipe

PORTO ALEGRE

2013

*Dedico este trabalho a minha mãe, Eliana,
o orgulho e exemplo da minha vida.*

AGRADECIMENTOS

À UFRGS, pela oportunidade de me formar em um dos melhores cursos de Ciências Biológicas do país;

À minha família pelo apoio nessa jornada. Agradeço principalmente à minha mãe, mulher de fé, de fibra e guerreira, que esteve comigo em todos os momentos, sempre me apoiando incondicionalmente;

A todo o pessoal do laboratório de Ecologia de Insetos, principalmente ao Nicolás, pela assembleia permanente, e a Helena, pela oportunidade e compreensão que os dois tiveram neste último semestre;

Às minhas orientadoras dos estágios, prof^a Heloísa Junqueira e prof^a Russel, pela disponibilidade, compreensão e ajuda;

À minha orientadora de TCC, Prof^a Jane Felipe, por todo o apoio e incentivo nesta jornada;

À melhor barra já existente nas Ciências Biológicas da UFRGS, 2009/1, gurizada de fé, ótima parceria e afinidade inexplicável;

Aos amigos de infância e adolescência do BDR, que apesar de tudo estão sempre ao meu lado;

Não poderia deixar de agradecer a Lika, amiga, colega, parceira, irmã, que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos, fosse pra me aguentar fosse para rir comigo ou de mim;

À Lala, pela amizade, carinho e compreensão;

À Pri, pelas conversas, e por ouvir até as piores músicas comigo;

À Alice e à Thais, por terem me ajudado muito neste último ano, em todos os momentos, às vezes decisões complicadas nos aproximam de situações maravilhosas;

À Helena, que estava sempre lá pra me ouvir, rir e chorar. Além de stalkear e surtar comigo, e resolver os problemas da formatura;

À Agatha, Isa e Fe, pelo apoio incondicional nos momentos pré formatura.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral propor ações que visem uma educação para a sexualidade no âmbito escolar, a partir das teorizações de Felipe, Xavier Filha e Ribeiro (2009). Para discutir e aprofundar o conceito de gênero, recorro a Louro (1997), Scott (1995), bem como a Weeks (1999) e Furlani (2011) para problematizar o conceito de sexualidade. A revisão bibliográfica também teve como intuito de procurar informações a respeito de trabalhos já realizados neste campo temático. Em seguida, a partir das palestras por mim ministradas sobre o tema da sexualidade com três turmas do Ensino Médio de uma escola pública, tomando também por base as dúvidas pontuadas pelos/as alunos/as, trago algumas reflexões sobre a formação docente na área da biologia, buscando refletir sobre uma educação para sexualidade mais ampla, que não se limite apenas aos aspectos biológicos, mas que possa contemplar também as perspectivas históricas, sociais e culturais. Assim, questões de gênero, diversidade e orientação sexual estão presentes neste trabalho. Embora os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) tenham colocado a sexualidade como tema transversal, devendo ser ministrada conjuntamente em várias áreas, não só restrita às aulas de biologia ou ciências, a escola ainda está longe de seguir tais recomendações. Desse modo, este trabalho propõe algumas temáticas consideradas fundamentais para promover o debate entre os jovens, como sugere Felipe (2009), a saber: história do corpo e da sexualidade, história do amor e da família, maternidade com aprisionamento, paternidade responsável, identidades de gênero e identidades sexuais, violência doméstica e violência sexual, maus tratos emocionais, dentre outros temas.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO: EXPLICITANDO A INSERÇÃO NO TEMA | 07 |
| 1 SEXUALIDADE EM DISCUSSÃO NA ESCOLA | 09 |
| 1.1 BREVE HISTÓRIA DA SEXUALIDADE | 10 |
| 1.2 DESCONTINUIDADES, PRECONCEITOS E TABUS | 11 |
| 1.3 INDISSOCIALBILIDADE ENTRE GÊNERO E SEXUALIDADE | 14 |
| 2 PROCESSOS METODOLÓGICOS EM AÇÃO..... | 17 |
| 3 PERGUNTAR NÃO OFENDE: O QUE PODEMOS EXTRAIR DAS DÚVIDAS DOS ALUNOS | 20 |
| 3.1 COMO ABORDAR A SEXUALIDADE PARA ALÉM DO BIOLÓGICO?..... | 21 |
| 3.2 UMA PROPOSTA PARA O ENSINO MÉDIO | 22 |
| 3.3 OS TEMAS E SEUS RESPECTIVOS PROBLEMAS | 23 |
| 4 CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS | 26 |
| 5 REFERÊNCIAS | 29 |

INTRODUÇÃO: EXPLICITANDO A INSERÇÃO NO TEMA

Para início de discussão creio ser importante explicar o porquê do título deste trabalho de conclusão de curso, na medida em que ele faz referência à pergunta de uma adolescente, durante meu estágio na disciplina de Seminário Integrador, no primeiro semestre de 2013, quando ministrei algumas palestras sobre o tema da sexualidade, mais especificamente sobre doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). Optei por escolher um assunto que julgo ser muito importante para alunos/as de ensino médio, uma vez que nessa faixa etária os/as alunos/as possuem muita curiosidade sobre relações sexuais, mas geralmente têm vergonha de perguntar aos pais e acabam ficando com muitas dúvidas. Ao estabelecer um diálogo aberto, estimulando-os a perguntar o que quisessem, eles se sentiram à vontade para colocarem seus questionamentos. Portanto, ao utilizar a própria pergunta feita por uma das jovens como título deste trabalho, reitero a importância de valorizarmos as manifestações e dúvidas que as alunas e alunos trazem a respeito da sexualidade.

Muitos/as deles/as possuem estas dúvidas não só pela falta de conhecimento da parte biológica, mas também, porque nunca tiveram uma discussão mais ampla a respeito da sexualidade durante as aulas. Segundo Felipe (2007, p.8) em geral, quando ocorrem tais discussões em torno da sexualidade na escola, estas se dão a partir de uma matriz biologicista. A autora ressalta ainda que muitas vezes este tema é discutido pelo viés da doença, da morte e da moral, principalmente depois do advento da AIDS. Segundo ela

A perspectiva com a qual se trabalha em torno dessa temática quase sempre se limita a uma abordagem biológica: ensina-se, por exemplo, a anatomia dos órgãos sexuais, como se dá a fecundação, o nascimento, os métodos contraceptivos, bem como as estratégias de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis.

A partir da minha experiência docente ministrando palestras sobre o tema da sexualidade para adolescentes de uma escola pública, e também baseada na

formação que tive no curso de biologia, trago como problema de pesquisa a seguinte questão: de que modo é possível propor uma educação para a sexualidade que contemple o corpo e a sexualidade para além do biológico, problematizando-os também como construções históricas, sociais e culturais?

Deste modo, o presente trabalho tem como objetivo geral discutir possibilidades de desenvolver uma proposta de educação para a sexualidade no âmbito escolar, levando em consideração as principais dúvidas de alunos e alunas a respeito de sexualidade na adolescência. Como objetivos específicos este trabalho visa contribuir para a ampliação da forma atual de ensino nas escolas não só abrangendo questões biológicas, mas também questões sociais e culturais a respeito da sexualidade. Mostra-se, portanto, a importância do tema, de modo que ele possa ser abordado durante a vida escolar, mas também em outros contextos, não estando restrito somente às disciplinas de Ciências e Biologia.

Acredito que o/a professor/a deve ser, juntamente com a escola, um instrumento para que o/a aluno/a possa tirar suas dúvidas, de modo a entender a sexualidade de forma mais ampliada, não somente levando em conta a questão biológica, mas também as questões culturais, históricas e sociais.

Ao longo dos capítulos explicitarei a teorização com a qual trabalhei (capítulo 1), a metodologia utilizada (capítulo 2), bem como procederei às análises a partir das observações feitas no período de minha inserção na escola e ancorada nas teorizações sobre corpo, sexualidade e gênero (Capítulo 3). As categorias de análises são as seguintes: a primeira se a pergunta era apenas de cunho biológico ou se abordava alguns outros aspectos da sexualidade, como sociais ou culturais, e a segunda se o nível de conhecimento prévio do aluno apresentava noções biológicas dadas em sala de aula ou se apresentava um conhecimento mais específico.

1 SEXUALIDADE EM DISCUSSÃO NA ESCOLA

Pesquisa realizada por Brêtas (2009) mostrou que o professor foi apontado como primeira opção entre os adolescentes para discutir temas ligados à sexualidade, confirmando assim a importância do corpo docente para propiciar discussões qualificadas no ambiente escolar. Tonatto e Sapiro (2002, p. 167) afirmam também que

Apesar de alguns professores perceberem a necessidade de adotar uma maior abertura para o tratamento das questões relativas à sexualidade na escola, continuam sem subsídios adequados para trabalhar essas questões. Sendo assim, geralmente, acabam por relegá-la a um enfoque totalmente biologizante, que tem a função de preservar o educador frente aos alunos, com relação aos seus próprios questionamentos, receios e ansiedades.

Para Felipe (2007), as instituições escolares podem ser consideradas um dos mais importantes espaços de convivência social, desempenhando assim um papel de destaque no que tange à produção e reprodução das expectativas em torno dos gêneros e das identidades sexuais.

Atualmente, no âmbito da escola, tem sido possível observar alguns esforços no sentido de discutir a sexualidade, embora muitas vezes o tema seja abordado apenas sob o viés da prevenção, enfatizando o medo da doença e da morte, acrescido de certo pânico moral, como já enfatizou Felipe (2007). Nos últimos anos foram desenvolvidas muitas ações no âmbito do governo federal, em especial pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD-MEC), apoiando cursos de formação para os profissionais da rede pública que atuavam e atuam na Educação Básica. Tais ações tiveram por objetivo promover a igualdade de gênero e da diversidade sexual, com o enfrentamento do sexismo e da homofobia (o Programa Brasil sem Homofobia, por exemplo). É importante, no entanto, entender como se chegou a isso, ou seja, quais as condições estabelecidas que permitiram tais ações.

1.1 Breve história da sexualidade

Ribeiro (2004) nos diz que a sexualidade sempre foi um aspecto polêmico do cotidiano do brasileiro, desde a Colônia do século XVI. O comportamento sexual, de uma forma geral (com referência ao do brasileiro do sexo masculino) era bastante lascivo, ou seja, tudo lhe era permitido. Já com referência a mulher branca, Freyre (apud RIBEIRO, 2004, p.16) diz que ela era dominada e submetida ao pai, depois ao marido, devendo ter um comportamento reservado e submisso. Muitas jovens aos 15 ou 16 anos já se casavam, em geral com homens bem mais velhos (de 40, 50 ou 60 anos).

Segundo Ribeiro (2004) contrapondo-se à liberdade sexual que o homem gozava na colônia, o discurso da igreja católica, representada pelos jesuítas, apontava a vida licenciosa e condenava as práticas sexuais correntes. Este mesmo autor diz que temos nesse, o primeiro momento de educação sexual no Brasil: sexo pluriétnico libidinoso para o homem; submissão e repressão do comportamento sexual da mulher; e normas, regras e condenações por parte da igreja.

Nos séculos XVII e XVIII este perfil continuou variando apenas no que diz respeito à mulher: surge a participação da negra em consequência do processo de escravização. Mas é no século XIX que o discurso médico invade a sexualidade, a higiene e a saúde serão seus principais motores de regulação – aqui a ideia de pecado foi substituída pela ideia do risco de aquisição de doenças orgânicas ou mentais (PIOVESAN, 2010, p. 26).

Tal preocupação higienista se estendeu do século XIX às primeiras décadas do século XX. A sexualidade passou a ser alvo constante de regulação e a família passou a ser o local legítimo dos afetos e da sexualidade. A homossexualidade passou a ser alvo de preocupação e a heterossexualidade foi tida como a norma. As crianças também foram alvo de vigilância, de modo que a masturbação começou a ser vista com preocupação e como um desvio.

Segundo Foucault (1994, p. 9), o termo “sexualidade” surgiu somente no início do século XIX.

O uso da palavra foi estabelecido em relação a outros fenômenos: o desenvolvimento de campos de conhecimentos diversos (que cobriram tanto os mecanismos biológicos da reprodução como as variantes individuais ou sociais do comportamento); a instauração de um conjunto de regras e normas, em parte tradicionais e em parte novas, e que se apoiam em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido a e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos.

1.2 Descontinuidades, preconceitos e tabus

Um dos grandes problemas em torno da temática da sexualidade é o fato de não haver nas escolas projetos continuados de discussão sobre o tema. Muitas vezes a escola se limita a “apagar incêndios”, chamando alguém de fora para ministrar palestras e oficinas, não havendo assim continuidade nas propostas. Na educação infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental a escola se exime de discutir essas temáticas, alegando que isso causaria problemas com as famílias, pois muitas delas não gostariam que esse tipo de assunto fosse discutido na escola, alegando que as crianças são inocentes e isso poderia despertar ainda mais o interesse delas.

Quando os/as alunos/as se deparam com o tema da sexualidade como conteúdo escolar já estão mais velhos/as e cheios/as de dúvidas. Geralmente são aulas dadas de forma segmentada ou descontextualizada durante o discurso sobre reprodução humana (fala-se sobre aparelho reprodutor, concepção, nascimento). Por vezes a escola se exime de discutir temáticas como DSTs ou gravidez na adolescência, limitando-se a promover palestras que apenas falam dos perigos de se ter relações sexuais sem proteção. No entanto, é preciso pensar que o conhecimento do corpo transcende sua dimensão biológica. No corpo estão inscritas a história de vida, a cultura, os desejos e as aprendizagens do indivíduo. Essa falta de continuidade faz com que os/as alunos/as fiquem ainda mais confusos/as quanto a temática. No trabalho realizado por Freitas & Dias (2010) percebeu-se que os sujeitos da pesquisa tinham dificuldade de identificar suas percepções e sentimentos sobre sexualidade, não possuindo conceitos formados sobre os temas debatidos. Ao

definir sexualidade, salientavam apenas a função reprodutora e de perpetuação da espécie.

Outro grande obstáculo para se falar a respeito de sexualidade em sala de aula é a própria família do/a aluno/a, pois apesar das mudanças em nossa sociedade a respeito desse tema ainda existem muitos preconceitos e tabus. Por isso se torna tão difícil o diálogo dos/as alunos/as com seus pais e familiares, já que muitos pais preferem não abordar determinados assuntos com medo que seus/suas filhos/as tenham atitudes precoces em relação a eles. Por isso, acabam por deixar que esses aspectos sejam abordados pela escola, e pelo/a professor/a em sala de aula. Por sua vez o/a professor/a geralmente, fica constrangido/a em tocar sobre assuntos envolvendo a sexualidade, alegando que não foi preparado/a para isso no seu processo de formação inicial. Como salienta Freitas & Dias (2010) em relação à família, o diálogo sobre sexualidade e sexo ainda é tabu. Os/as adolescentes adquirem essas informações principalmente com amigos, revistas, filmes, televisão e internet, e poucas com professores e profissionais de saúde. Não raras vezes ocorre um jogo de transferência de responsabilidade: os pais se omitem e jogam a responsabilidade da educação sexual para a escola, e esta, por sua vez, devolve para os pais.

Alguns estudos reforçam que a sexualidade não pode ser abordada apenas de forma biológica. Jeffrey Weeks (1999) observa que embora tenha como suporte o corpo biológico, a sexualidade deve ser vista como uma construção social, uma invenção histórica, pois o sentido e a importância a ela atribuída são criadas em situações sociais concretas. A sexualidade remete, portanto, a uma série de crenças, comportamentos, relações e identidades sociais historicamente construídas. Ao vincular a sexualidade a um enfoque simplesmente biológico, a escola acaba negando o fato de que fatores psicológicos, sociais, históricos e culturais apresentam forte influência sobre ela e, também, sobre as formas como os sujeitos dela se apropriam (PCN/Ciências naturais, 1998). Considero fundamental ampliar estudos e pesquisas que possam dar conta de outras discussões em torno da sexualidade, enfatizando os aspectos culturais e sócio-históricos aí envolvidos.

Desse modo, não só a disciplina de biologia, mas outros campos do conhecimento, como geografia, história, matemática, física, química, língua portuguesa, literatura, artes, educação física, religião, a partir de suas especificidades, poderiam contribuir significativamente, de modo a desenvolver uma educação para a sexualidade para além dos limites restritos da prevenção (FELIPE, 2007).

Embora os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), tenham estabelecido a sexualidade como tema transversal, devendo ser ministrada conjuntamente em várias áreas, não só restrita as aulas de biologia ou ciências, na prática tal perspectiva não consegue se consolidar nas escolas, cabendo apenas aos professores de biologia ou ciências discutirem o tema. Por sua vez, os cursos de formação no campo da biologia não preparam os alunos para uma discussão mais ampliada, em consonância com as diferentes formas de pensar e de viver a sexualidade em contextos culturais distintos.

É importante destacar que, segundo Silva (2000), a cultura tem diferentes conotações e sentidos nas diferentes vertentes da teoria educacional crítica e pós-crítica. O autor esclarece que na análise neomarxista, a cultura é analisada como pertencendo àquelas esferas sociais que se distinguem da base econômica: as instituições jurídicas e políticas, a ideologia, a educação. Nesse processo de dominação haveria, portanto, a imposição da cultura dominante como sendo a cultura que faz com que as classes dominadas atribuam sua situação subalterna não à imposição pura e simples, mas à sua suposta deficiência cultural. A escola teria, nesta visão, um papel importante na reprodução das relações de dominação cultural. Na teorização introduzida pelos Estudos Culturais, sobretudo naquela inspirada pelo pós-estruturalismo, a cultura é teorizada como campo de luta entre os diferentes grupos sociais em torno da significação. A educação e o currículo são vistos como campos de conflito em torno de duas dimensões centrais da cultura: o conhecimento e a identidade.

Já na perspectiva de Bourdieu, a cultura é definida por gostos e formas de apreciação estética.

O conceito de juventude, por sua vez, pode ser caracterizado, segundo Silva e Soares (2003) por ser uma geração com muita informação agregada às novas tecnologias, que os/as fazem ter características peculiares desapegados a fronteiras

geográficas, para eles/as a globalização não foi um valor adquirido no meio da vida, e sim aprenderam a conviver com ela já na infância.

1.3 Indissociabilidade entre gênero e sexualidade

Outro fator que também influencia o ensino da sexualidade nas escolas, é que ela não pode ser vista como um tema concreto e único, não há como estudar a sexualidade sem se falar a respeito dos estudos de gênero afinal ambos são construídos culturalmente e andam lado a lado. Segundo Jeffrey Weeks (1999) gênero não é uma simples categoria analítica, mas uma relação de poder. Louro (2007, p. 207) afirma o seguinte:

Ainda que a maioria das sociedades tenha estabelecido, ao longo dos séculos, a divisão masculino/feminino como uma divisão fundamental e tenha compreendido tal divisão como relacionada ao corpo, não se segue daí, necessariamente, a conclusão de que as identidades de gênero e sexuais sejam tomadas da mesma forma em qualquer cultura.

Tal como ocorre com o gênero, haveria de se compreender a sexualidade como um constructo histórico, como sendo produzida na cultura, cambiante, carregada da possibilidade de instabilidade, multiplicidade e provisoriade, ressalta a autora. Ela mostra ainda que a nomeação do gênero não é, simplesmente, a descrição de um corpo, mas aquilo que efetivamente faz existir esse corpo – em outras palavras, o corpo só se tornaria inteligível no âmbito da cultura e da linguagem.

Segundo Louro (2011) aproximamos, portanto, gênero e sexualidade à medida que assumimos que ambos são construídos culturalmente e, assim sendo, carregam a historicidade e o caráter provisório das culturas.

Dessa forma, a educação sexual deve envolver vários aspectos da evolução psíquica do adolescente. É relevante que o profissional ou a pessoa que abordará essa temática tenha ciência dos processos, muitas vezes conflitivos, que envolvem o tema nesta fase da vida - a adolescência. Além disso, seria desejável que o profissional estivesse atento aos seus próprios preconceitos e pré-julgamentos, atuando como mediador nas discussões sobre a sexualidade, construindo, em parceria com os adolescentes, alternativas e formação de opiniões coerentes com a

realidade de cada um deles. É importante ressaltar que a educação sexual deve ser abordada pela escola, em conjunto com a família e a rede de saúde e educação, tendo clareza das múltiplas possibilidades que envolvem as identidades de gênero bem como as identidades sexuais.

O campo da Educação opera, muito expressivamente, na perspectiva da heteronormatividade – ou seja, dentro da norma heterossexual, quer dizer, no entendimento de que todo mundo é, ou deveria ser, heterossexual (LOURO, 2011, p. 66).

Segundo Louro (2011) para educadoras e educadores parece muito complicado assumir que as identidades de gênero e sexuais se “multiplicaram”, e que os conceitos escorregam; que há sujeitos que atravessam as fronteiras desses territórios; sujeitos que inscrevem e misturam em seus corpos, deliberadamente, as marcas da feminilidade e da masculinidade; sujeitos que aspiram à ambiguidade e à ambivalência. Um dado importante neste campo é a confusão conceitual e o desconhecimento dos jovens (e também do corpo docente) em relação a tais identidades. Segundo Melio (2012) entre os transexuais, pode haver o desejo de fazer a cirurgia de redesignação de sexo, por se considerar que alguém tem uma “identidade” que não combina com sua genitália. Ou seja, o sujeito não se identifica com aquele sexo biológico que o acompanha desde o nascimento. Já os sujeitos intersex possuem “genitália ambígua”. Por fim, há os sujeitos travestis, que

seriam homens que gostam de se relacionar sexual e afetivamente com outros homens, mas que para tanto procuram inserirem seus corpos símbolos do que é socialmente tido como próprio do feminino. Porém, não desejam extirpar sua genitália, com a qual, geralmente, convivem sem grandes conflitos (PELUCIO, 2004).

Muitos pais e educadores têm uma extrema preocupação em definir a idade para se explicar determinados temas para as crianças. Também é possível perceber uma extrema preocupação quando os filhos são “diferentes”:

Estudantes que apresentam comportamentos dissonantes em relação a seus gêneros ou que demonstram interesse por pessoas do mesmo sexo são sempre trazidos por professoras e professores, como exemplos de problemas a serem resolvidos. (LOURO, 2004)

Muitas pesquisas têm mostrado a importância de discutir o tema da sexualidade desde a mais tenra infância (FELIPE, 2012; GUIZZO, 2013; XAVIER-FILHA, 2009), pois as crianças possuem muitas curiosidades a respeito.

2 PROCESSOS METODOLÓGICOS EM AÇÃO

Para a realização deste trabalho, foi feita uma revisão bibliográfica ampla visando um embasamento teórico capaz sustentar as posições decorrentes da prática na escola e também com o intuito de procurar informações a respeito de trabalhos já realizados.

No primeiro semestre do ano de 2013 ministrei palestras em três turmas de 2º ano do ensino médio, para jovens entre 15 e 17 anos, em uma escola estadual de periferia localizada no município de Porto Alegre. Essas palestras foram ministradas em função do meu estágio de docência em Biologia, completando assim as horas/aula obrigatórias exigidas no currículo. Tais palestras foram ministradas graças à disponibilidade da escola e da professora, na disciplina Seminário Integrador. Na época em que fui realizar o trabalho a abordagem que a professora estava enfatizando era a área das Ciências Exatas e suas tecnologias. Perguntei-me como abordaria um conteúdo biológico em meio a esta área: escolhi então como tema as DST's e selecionei pesquisas e análises feitas em cima de dados sobre a população brasileira e sul riograndense. Enfatizei as principais DST's (sífilis, gonorreia, clamídia, HPV e HIV) e para cada uma dessas doenças abordei como era a forma de contágio, agente causador, seus sintomas, prevenção, e qual seria o tratamento para a doença causada pelo vírus ou pela bactéria. Cada palestra durou dois períodos, o que somava aproximadamente duas horas entre elencar as doenças e disponibilizar um tempo para perguntas.

Cada turma tinha suas especificidades, o que conferia a necessidade de me ajustar ao perfil delas, pois em uma delas havia alunos/as mais novos/as e mais curiosos/as, no total de 25 alunos/as. Nesta turma foram feitas mais perguntas se comparadas às outras duas. A segunda turma, com 20 alunos, era mais introvertida e quieta, houve poucas perguntas, mas foi a turma onde surgiram mais histórias a respeito do assunto, possuía menos alunos/as. Já a terceira turma, também com 20 alunos, era bastante interativa, provavelmente porque era a turma na qual eu já dava aula de Biologia, acredito que por isso eles estavam mais a vontade.

Ao final dos apontamentos abri espaço para que os/as alunos/as tirassem suas dúvidas, estimulando-os a fazerem as perguntas que quisessem. Dentre elas cabe destacar que a maioria, senão todas se referiam basicamente aos aspectos biológicos, embora em algumas delas fosse possível identificar também algumas práticas sociais e culturais, como discutirei mais adiante. Obviamente que a forma como abordei os temas (DSTs) nas referidas palestras deu margem para que isso acontecesse, já que meu viés foi basicamente biologicista. Desta forma, eu mesma me senti muito presa a essa visão, entendendo-a como insuficiente. Foi então que surgiu o desejo de ampliar essa discussão para intervenções futuras, já que na época não me ocorreu a possibilidade de ampliar esses temas com as turmas, também em função do pouco tempo disponível para isso.

Durante as palestras, as principais dúvidas que surgiram entre os/as adolescentes foram as seguintes:

“Durante a menstruação é normal ter dores nos ovários?”

“Se pega aids tomando chimarrão?”

“Se um guri e uma guria virgens tiverem a primeira vez juntos, a guria pode ficar grávida?”

“Quer dizer que se a camisinha estourar a gente além de poder ficar grávida também pega doença?”

“É normal fazer barulho enquanto se faz sexo de quatro?”

“Depois de chupar adianta bochechar com Cepacol?”

“Tem pílula pra homem?”

As perguntas foram respondidas oralmente, de forma que os/as alunos/as pudessem discutir a respeito das dúvidas dos/as outros/as colegas.

Os recursos didáticos utilizados nas palestras foram os slides de modo que os/as alunos/as pudessem visualizar alguns gráficos e estatísticas de forma mais concreta. Esses gráficos foram escolhidos de forma que os alunos pudessem não só entender as estatísticas sobre as DSTs, mas também para poder observar alguns tipos de gráficos. Em cada DST foram colocados gráficos específicos, que demonstravam, por exemplo, a prevalência da doença em homens e mulheres que procuravam atendimento em clínicas especializadas nessas doenças, ou no caso da

AIDS os gráficos demonstravam a taxa de incidência da doença em jovens no Brasil, ou a distribuição dos portadores da doença por estado brasileiro. Optei por não colocar fotos dos sintomas das doenças, porque minha intenção não era chocar os/as alunos/as e sim alertá-los, e também porque conversei com a coordenadora pedagógica da escola e ela achou melhor não colocá-las, visto que ela achava que alguns/mas adolescentes eram muito jovens e despreparados/as.

Enquanto respondia às perguntas dos/as alunos/as aproveitei e indaguei a eles/as se conversavam a respeito desses assuntos com os pais e, em torno de 90% de cada turma, respondeu que não conversava e que geralmente acabavam perguntando aos amigos a respeito desses assuntos. Os PCNs (BRASIL, 1998a) enfatizam tal característica na adolescência, afirmando que os jovens tentam se inserir no convívio social, através de buscas por identificações fora do seu ciclo familiar. Na experiência docente que me levou a elaborar este trabalho, tal característica ficou bastante evidente, pois eles demonstraram a importância que é dada para os amigos, em especial no que se refere às conversas sobre sexualidade.

3 PERGUNTAR NÃO OFENDE: O QUE PODEMOS EXTRAIR DAS DÚVIDAS DOS ALUNOS?

Depois da minha exposição incentivei a turma a fazer perguntas, colocando-os bem à vontade para falarem sobre suas dúvidas. Procurei estabelecer com eles um diálogo bem informal, na tentativa de criar um clima de confiança e cumplicidade, pois muitas vezes os adolescentes sentem dificuldades para exporem suas dúvidas e opiniões publicamente, com medo de serem ridicularizados pelos outros colegas. Analisando as perguntas feitas, é possível perceber que a maioria delas se limitou a entender os aspectos biológicos do corpo e seus processos (menstruação, gravidez, virgindade), não só porque eles não têm esse tipo de abordagem na escola, mas também porque nesta faixa etária os/as alunos/as estão muito curiosos com o próprio corpo e com suas mudanças.

Ao analisar as perguntas dos adolescentes percebi que eles, muitas vezes, não se dão conta do quanto à sexualidade é construída social e culturalmente, embora eu deva reconhecer que o conteúdo ministrado nas palestras não deu margem para ampliar as discussões, já que priorizei os aspectos biológicos da doença, numa clara perspectiva de prevenção.

Outro aspecto que procurei analisar foi o nível de conhecimento que os alunos e alunas apresentavam ao expressarem suas dúvidas. Em uma das turmas, as perguntas: *“Se pega aids tomando chimarrão?”* ou *“Se um guri e uma guria virgens tiverem a primeira vez juntos, a guria pode ficar grávida?”*, demonstram o nível de desinformação dos adolescentes. Já observando as perguntas de outra turma, tais como: *“É normal fazer barulho enquanto se faz sexo de quatro?”* ou *“Depois de chupar adianta bochechar com Cepacol?”* tem-se a impressão de que estamos diante de adolescentes com maior vivência sexual, e que, portanto, demonstram outras preocupações, o que não significa dizer que saibam mais ou que não tenham visões equivocadas a respeito da sexualidade, muitas vezes construídas a partir das opiniões de outros colegas.

Mais uma vez saliento que a falta de exposição desse tipo de temática me levou a querer sugerir uma nova proposta não só abrangendo a biologia, mas também seus aspectos culturais.

3.1 COMO ABORDAR A SEXUALIDADE PARA ALÉM DO BIOLÓGICO?

Com certeza não será uma tarefa fácil para nenhum professor/a, independente da área, visto que existem muitos tabus e preconceitos implícitos e explícitos em nossa sociedade, e muitos deles/as não possuem experiências próprias nesse campo, provavelmente nunca tiveram uma abordagem cultural sobre sexualidade ao longo de seus cursos de formação. As situações costumam se complicar um pouco mais quando se trata da sexualidade. Inúmeras pesquisadoras e pesquisadores comentam o quanto parece ser difícil admitir que a sexualidade também é construída culturalmente (LOURO, 2011).

Levando em consideração a minha formação em ciências biológicas, a educação para a sexualidade não foi contemplada, de modo que seria muito complicado abordar outros aspectos que não o biológico em minhas palestras. Isso porque até então nem eu havia me dado conta que esses aspectos deveriam ser problematizados, não só na escola como na universidade.

Desta forma é visível a necessidade de uma metodologia voltada para outros aspectos, que não só o biológico, para a sexualidade. É perceptível que em minhas palestras houve uma preocupação em alertar os alunos, seguindo o clássico padrão da prevenção.

No entanto, várias autoras defendem a ideia de que o tema sexualidade pode e deve ser trabalhado desde a educação infantil, pois como nos mostra Felipe (2013), as crianças se mostram interessadas no tema, uma vez que têm amplo acesso à informação. As descobertas dos prazeres corporais acontecem desde a mais tenra infância e a curiosidade infantil se exacerba a partir do contato com as demais crianças, como é possível perceber nas escolas e creches (GUERRA, 2005). No

entanto, muitas professoras e a própria família, não se sentem preparadas para discutir esses temas, quando eles surgem.

Nas demais séries, é possível observar que as professoras e professores também não se sentem à vontade em discutir sobre sexualidade, pois além de considerarem um tema de difícil abordagem, tendem a se prender em seus planos de ensino, por conta dos conteúdos que precisam ser vencidos. Tal visão conteudista acaba por interferir na possibilidade de uma ampla discussão e problematização sobre questões relativas à sexualidade.

3.2 Uma proposta para o Ensino Médio

Se quiséssemos inserir a sexualidade como tema transversal de fato, poderíamos nos utilizar de um novo recurso disponível nas escolas, a partir do Ensino Médio. Segundo a proposta pedagógica (RS/SE, 2011). O ensino médio regular se transformou em politécnico a partir de 2012, sendo colocado da seguinte forma: esta proposta tem como ideia de currículo duas partes uma formação geral sólida, constituindo-se efetivamente como uma etapa da Educação Básica, e uma parte diversificada, essa por sua vez “com vista à transformação social, que se concretiza nos meios de produção voltados a um desenvolvimento econômico, social e ambiental, numa sociedade que garanta qualidade de vida para todos”. O ensino politécnico possui por sua vez uma disciplina chamada Seminário Integrado, sendo que a carga horária no primeiro ano será de 75% de formação geral e 25% de parte diversificada. No segundo ano, 50% para cada formação e, no terceiro ano, 75% para a parte diversificada e 25% para a formação geral (RS/SE, 2011). Esta disciplina foi criada de modo a levar conhecimentos gerais e cultura para as classes de vulnerabilidade social. Na proposta do ensino politécnico, o seminário integrado visa contemplar a instrumentalização dos alunos para o mundo do trabalho, em que hoje em dia se busca um profissional que tenha competências e habilidades desenvolvidas para o convívio social, respeitando as diversidades culturais, étnicas e de gênero. Segundo a proposta “uma parte diversificada, vinculada a atividades da

vida e do mundo do trabalho, que se traduza por uma estreita articulação com as relações do trabalho, com os setores da produção e suas repercussões na construção da cidadania, com vista à transformação social, que se concretiza nos meios de produção voltados a um desenvolvimento econômico, social e ambiental, numa sociedade que garanta qualidade de vida para todos”.

Além de tudo é necessário também que a escola se molde a essa nova abordagem transdisciplinar, de modo a possibilitar que os professores consigam por em prática a sua concretização, mas temos que ter em mente que o currículo precisa ser alterado de modo que essa abordagem possa ser dada. Tonatto e Sapiro (2002) dizem que as modificações na estrutura do planejamento curricular são necessárias, uma vez que a base tradicional do ensino brasileiro não possibilita o desenvolvimento de um trabalho diferenciado (interdisciplinar e transversal), pois está fundamentada em princípios e objetivos que não condizem mais com a contemporaneidade.

3.3 Os temas e seus respectivos problemas

Como já comentei anteriormente, muitos aspectos poderiam ser abordados em relação à sexualidade. Felipe (2009) traz uma proposta de formação docente em que explicita alguns assuntos propostos para aprofundamento e discussão, sendo que muitos, senão todos eles deveriam ser abordados em sala de aula. A autora elenca alguns temas como história do corpo e da sexualidade, história do amor e da família, identidades sexuais, preconceitos em relação à homossexualidade, bissexualidade, transexualidade e travestilidade, novas formas de conjugalidade, erotização dos corpos infantis, violência/abuso sexual, violência doméstica, entre outros. Acredito que seria muito importante se todos os cursos de licenciatura tivessem em algum momento da graduação, como disciplina obrigatória, discussões sobre educação para a sexualidade, pois isso facilitaria a abordagem dos/as professores/as em sala de aula sobre estes temas, visto que teriam mais embasamento e segurança.

Neste mesmo texto a autora traz experiências desenvolvidas em uma escola de periferia na rede municipal de Porto Alegre, em uma turma de adolescentes (13 a 16 anos), a partir das temáticas propostas no curso de graduação da Pedagogia, na disciplina Educação Sexual na Escola. Uma das estratégias utilizadas para discussão das temáticas em torno da sexualidade foi a utilização de uma caixa de perguntas, disponibilizada na sala de aula, onde os alunos e alunas poderiam deixar seus questionamentos e dúvidas, de modo a não se exporem ou ficarem constrangidos. Este método resultou em várias perguntas que foram abordadas ao longo das aulas. Com elas pode ser visto o quanto os adolescentes estavam carentes desta temática, e o quanto a turma apresentava diferentes níveis de conhecimento em relação ao tema.

Na estratégia que procurei utilizar para esclarecer as dúvidas dos jovens, não me ocorreu utilizar este recurso, que pode se constituir em estratégia muito útil, especialmente para aqueles alunos mais tímidos, que temem uma maior exposição e possíveis preconceitos que possam surgir a partir de seus questionamentos.

Foram feitas, também, reflexões a respeito dos estudos feministas, foi trabalhado o conceito de machismo, bem como foram utilizados vários textos, a partir da disciplina de português (contos, crônicas, músicas), que abordassem temáticas vinculadas ao tema da sexualidade. Foram produzidos ainda textos sobre gravidez na adolescência, fazendo com que os alunos e as alunas pensassem sobre o assunto, a saber: no que suas vidas mudariam se acontecesse uma gravidez pelo meio do caminho. No trabalho que propus aos alunos, poderia também ter utilizado das estatísticas sobre gravidez na adolescência no Brasil e em outros países, pois essa é uma discussão que mobiliza os adolescentes, como foi possível perceber em algumas perguntas feitas por eles.

O trabalho que citei acima mostra os principais assuntos a serem abordados durante o período escolar, enfatizando os aspectos sociais e culturais do tema sexualidade. Creio que, juntamente com a parte biológica, seria uma interessante forma de complementação para o currículo de Biologia. Também cabe lembrar que

os PCNs sugerem que os temas sejam abordados por entre as diversas disciplinas e áreas do conhecimento.

4. CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Acredito que dinâmicas diferentes sobre a temática sexualidade podem agregar mais as aulas dadas aos alunos, de forma que o assunto seja de mais fácil abordagem. Segundo Tonatto e Sapiro (2002) a abordagem interdisciplinar pode contribuir para a busca de resoluções fundadas em raciocínio crítico e conhecimento na problematização dos temas referentes à sexualidade por parte dos adolescentes, de uma forma integrada e não alienada ao contexto em que vivem, como por exemplo, projeto interdisciplinar agregando vários componentes curriculares. A turma poderia ser dividida em pequenos grupos, o que permitiria uma maior socialização entre os alunos para o compartilhamento dos saberes. Em cada grupo poderiam ser utilizados diferentes tipos de textos contemplando diferentes épocas sobre a história da sexualidade, desde as civilizações antigas até os tempos atuais. O professor de português poderia trabalhar, dentro de seus objetivos específicos, a parte de construção textual e de interpretação do texto, utilizando poemas, crônicas, contos, letras de música, etc., que proporcionassem uma discussão sobre o tema de gênero e sexualidade. Já o/a professor/a de história poderia trabalhar a partir de textos sobre a história sexualidade ao longo do tempo, como, por exemplo, um texto sobre Brasil colônia, mostrando ainda a história dos movimentos feministas, dos movimentos gays e lésbicos, bem como a história do amor romântico e da família. Nas aulas de Geografia poderiam ser trabalhados os contextos geográficos, em que seriam mostradas, por exemplo, as áreas de colonização e também como os outros povos entendem as questões ligadas ao tema da sexualidade. Nas aulas de Artes poderia mostrar o papel estético das construções e pinturas de várias épocas, e como a sexualidade e as relações de gênero eram retratadas. A biologia ficaria encarregada de não só abordar os aspectos biológicos da sexualidade, como também os aspectos culturais relacionando os tempos antigos com os atuais nas mais diversas culturas. No campo da Matemática, poderíamos abordar a crescente proporção com que as DSTs se disseminaram, as estatísticas em torno disso. Nesse contexto podem ser trabalhadas as questões de gênero, fazendo com que os alunos

percebam de que modo, em diferentes tempos históricos e variadas culturas, as masculinidades e feminilidades vão sendo construídas.

Como produto final deste projeto interdisciplinar seria feito um jornal ou um blog mostrando todos os aspectos da história da sexualidade, todas essas abordagens desenvolvidas em cada disciplina, que poderiam ser reunidas durante a disciplina de seminário integrado. Os alunos seriam estimulados a fazer uma pesquisa a partir destes textos, construindo e problematizando suas produções e concepções a respeito da sexualidade e das relações de gênero, ampliando assim seus conhecimentos sobre as identidades sexuais e de gênero.

Os próprios PCN's recomendam que sejam feitos diferentes modos para se abordar a temática. Neles são citadas algumas estratégias para abordagem dos temas como experimentação, estudo do meio, debates, seminários, dentre outros.

Não há como falar de sexualidade sem falar de outros aspectos como questões de gênero e diversidade sexual. Atualmente temos enfrentado uma mudança brusca na sociedade, em que muitos tabus e preconceitos estão sendo quebrados. Questões de gênero, diversidade e orientação sexual estarão intimamente relacionadas a este tema aparentemente tão "generalista" que é a sexualidade. Segundo (DINIS, 2008), minorias sexuais e de gênero também são temas ausentes no tocante aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Embora estes ressaltem a necessidade de se tratar a sexualidade como tema transversal, nada é mencionado, mais especificadamente, em relação à homossexualidade.

Mas me pergunto se os professores do cenário atual teriam como abranger todos estes assuntos em sala, sendo que muitos deles não conseguem dialogar com os alunos sobre a sexualidade, reforçando muitas vezes a heteronormatividade, que se pauta pela ideia de uma heterossexualidade compulsória.

Para que esse tipo de abordagem seja feito é necessário que os professores tenham algum apoio por parte das escolas e das secretarias, através da promoção de cursos de formação continuada, incluindo docentes de diferentes áreas. Dinis (2008) observa que outras estratégias de resistência seriam incluir os estudos sobre gênero nos cursos de formação de professores/as, divulgar as principais produções

bibliográficas sobre o assunto, incentivar novas pesquisas, exigir critérios mais rigorosos na publicação de textos didáticos e científicos. Particularmente na minha área de atuação seria importante que o curso de Biologia proporcionasse uma visão mais ampla do tema, capacitando seus alunos e alunas a atuarem de forma mais qualificada e abrangente, quando se trata deste tema tão importante na vida de todos nós.

5 REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : Ciências Naturais / Secretaria de Educação Fundamental. . Brasília : MEC /SEF, 1998
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF 1998.
- BRÊTAS, José Roberto da Silva et al. Conhecimentos de adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis: subsídios para prevenção. **Acta Paulista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v.22, n.6 , p.786-792, 2009.
- DINIS, Nilson Fernandes. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. **Educ. Soc**, v. 29, n. 103, p. 477-492, 2008.
- FELIPE, Jane. Gênero e sexualidade nas Pedagogias Culturais: implicações para a Educação Infantil. In: 22º Reunião Anual da ANPEd, 1999, Caxambu - MG. Anais da 22º Reunião Anual da ANPEd, 1999. p. 235
- FELIPE, Jane. Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas. **Pro-Posições (Unicamp)**, v. 18, p. 77-87, 2007.
- FELIPE, Jane. Representações de gênero, sexualidade e corpo na mídia. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 01, p. 251-263, 2007
- FELIPE, Jane. Gênero, sexualidade formação docente: uma proposta em discussão. In. XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Educação para a sexualidade, para Equidade de Gênero, e para a Diversidade Sexual**. Campo Grande:Ed. UFMS, p. 45-55, 2009.
- FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar; BECK, Dinah Quesada (Org.). **Infâncias, Gênero e Sexualidade nas Tramas da Cultura e da Educação**. Porto Alegre: Editora da Ulbra, 2013.
- FREITAS, Kelly Ribeiro; DIAS, Silvana Maria Zarth. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 19, n. 2, p. 351-357, 2010.
- FURLANI, Jimena . **Educação Sexual na Sala de Aula - equidade de gênero, livre orientação e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, v. 1. 190p, 2011.
- GUERRA, Judite. **Dos "segredos sagrados": gênero e sexualidade no cotidiano de uma escola infantil**. 2005. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

LOURO, Guacira Lopes; **Um corpo estranho: Ensaio sobre Sexualidade e Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, v. 46, p. 201-218, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Revista Brasileira de Pesquisa Sobre Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 03, n. 4, p.62-70, jul. 2011.

MELIO, Ricardo Pimentel. Corpos, heteronormatividade e performances híbridas. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 1, p. 197-207, 2012.

PELÚCIO, Larissa Maués. Travestis, a (re) construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. **Revista Antropológicas**, v. 15, n. 1, 2011.

PÉRISSÉ, André Reynaldo Santos; NERY, José Augusto da Costa. The relevance of social network analysis on the epidemiology and prevention of sexually transmitted diseases. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n. , p.S361-S369, 2007.

PIOVESAN, Gustavo. Notas sobre políticas públicas de gênero e educação. **Anais do I Simpósio Sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas**, Londrina, p.22-31, 2010.

RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação: Aproximações necessárias**. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.

SILVA, Rosimeri Aquino; SOARES, Rosângela. Juventude, escola e mídia. In LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, Vozes, 2003. p. 82-94.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Autêntica, 2000.

RIO GRANDE DO SUL/ SE – Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul. Proposta pedagógica para o ensino médio politécnico e educação profissional integrada ao ensino médio - 2011-2014. Novembro de 2011.

TRAJMAN, Anete et al. Conhecimento sobre DST/AIDS e comportamento sexual entre estudantes do ensino médio no Rio de Janeiro, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n. , p.127-133, 2003.

TONATTO S, SAPIRO CM. Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências. **Psicol Soc** 2002 jul-dez; 14(2): 18.

WEEKS, Jeffrey. O corpo ea sexualidade. In. LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, p. 35-82, 1999.